


**Governo do Estado do Rio Grande do Norte**  
**Fundação José Augusto**

**Homenageia**  
**Jean Mermoz**  
**(1901 - 1936)**

**José Geraldo de Albuquerque**  
**Mestre em História**  
**Sócio Efetivo do IHGRN**



**BIBLIOTECA ENÉLIO LIMA PETROVICH**  
**Instituto Histórico e Geográfico**  
**do Rio Grande do Norte**  
**- Ano 1991 -**

**Doação de Enélio Lima Petrovich**  
**ao Instituto Histórico e Geográfico**  
**do Rio Grande do Norte. 1991**

Instituto Histórico e  
Geográfico do Rio  
Grande do Norte  
N.º Reg 25.019

## JEAN MERMOZ

JEAN MERMOZ, aviador francês, nascido em 1901 em AUBENTON e falecido em DACAR, apenas com 35 anos.

Antigo piloto militar, criador da aviação postal transoceânica na França, realizou a primeira viagem deste país ao Brasil com aquele objetivo.

Quando terminou seus estudos, ingressou na aviação como piloto de linha. Entrou na empresa LATÉCOËRE e juntamente com GUILLAUMET fazia o roteiro RIO DE JANEIRO-SANTIAGO, atravessando a cordilheira dos Andes.

Foi o primeiro a cruzar nos dois sentidos o Atlântico Sul, utilizando-se do trimotor "ARC-EN CIEL".

Realizou com DABEY e GIMIÉ a primeira ligação postal aérea direta FRANÇA-AMÉRICA DO SUL ( 12.05.1930)

As façanhas de MERMOZ eram mais conhecidas na América do Sul do que na França. Em Natal e no Recife, apesar de retraído, ele travou conhecimento com autoridades e conquistou admiradores e amigos principalmente em Pernambuco onde a saga da aviação era acompanhada com grande interesse pela imprensa e atiçava a imaginação dos meios intelectuais e da juventude.

Desapareceu ao largo de DACAR, no oceano, a bordo do "CROIX-DU-SUD" em viagem regular.

Um outro francês, amigo de Mermoz e muito ligado ao Rio Grande do Norte foi ANTOINE SAINT-EXUPÉRY, que em agosto de 1995 mereceu uma homenagem especial na VII Bial Internacional do Livro no Rio de Janeiro, por ocasião do cinquentenário do lançamento do livro "O PEQUENO PRÍNCIPE". O lirismo de EXUPÉRY é sintetizado em frases como estas: "só se vê bem com o coração, o essencial é invisível para os olhos" - "tu te tornas eternamente responsável por aquilo que cativas"...

**BIBLIOTECA ENÉLIO LIMA PETROVICH**

**Instituto Histórico e Geográfico  
do Rio Grande do Norte**

**- Ano 1991 -**

**Doação de Enélio Lima Petrovich  
ao Instituto Histórico e Geográfico  
do Rio Grande do Norte, 1991**

Um terceiro nome, inseparável de MERMOZ, que não pode deixar de ser evocado, é outro herói da linha, o coronel-aviador PAUL VACHET. Sobre ele, diz o historiador oficial da “Linha”: JEAN GERARD FLEURY: “PAUL VACHET, depois de haver dominado os céus violentos da Espanha, as tempestades do Mediterrâneo, os maus tempos de Marrocos, tornou-se o bandeirante da América do Sul, metodicamente, à força de reflexões e de sangue-frio. VACHET aprendeu a vender as ciladas dos trópicos, onde as furiosas cavalgadas dos “tornados” invadiam a todo momento os espaços azuis.

Ele traçou pacientemente, as mais seguras rotas e semeou-as de pistas tão bem escolhidas que elas se tornaram depois os grandes aeroportos da América do Sul. Madame Vachet, superando o temor que lhe causavam os aviões frágeis de então, participou de todas as suas explorações, ajudando-o a repor os motores em marcha depois das aterrissagens forçadas e recosturando, num quarto de hotel, as cantoneiras danificadas pelos furacões... E Fleury ainda fala: “Da Patagônia aos pântanos da Venezuela, o avião de VACHET - “O VACHET”, como o chamavam no Brasil - arrancava as florestas do seu torpor e o progresso penetrava no seu sulco. Hoje, não existe um país na América do Sul, onde o nome deste precursor genial não seja venerado e onde sua presença não provoque manifestações de gratidão.”

Foi o primeiro avião a descer no território natalense, na praia da Ridinha a 27 de julho de 1927.

Mas, voltando ao nosso biografado, cognominado “O Paladino do Espaço” e o “Arcanjo”, ele não era um homem nem um piloto como os outros. Conduzia em si mesmo o reflexo dos elementos do espaço. Parecia ungido pelo óleo e salpicado pelo pólen do mundo.

O escritor Américo de Oliveira Costa, descreve no 3º volume de seu livro “O Comércio das Palavras” descreve a trajetória do aviador, no capítulo “Jean Mermoz: o poder, a glória e o sacrifício” dizendo:



Sua vida e suas ações estão plenas de episódios épicos e rumorosos, que perturbam e distendem os próprios limites abstratos das imaginações - “Eu experimentei (confessou, um dia, ele próprio, Mermoz), a angústia da sede depois do incêndio, voando sobre o deserto da Arábia. Conheci o cativo entre os Mouros a pressão da Cordilheira dos Andes, o salto em paracaidas pela parada de um aparelho em vôo sobre Toulouse, a pane no Atlântico Sul, a aterrissagem em plena tempestade no Mediterrâneo”.

As asas de MERMOZ alcançaram inclusive a Patagônia e o Perú.

O escritor Sérgio Losic, em sua obra “L’ideal humain de Saint-Exupéry”, acentua que o livro deste último, “Vol de Nuit” poderia intitular-se “A ação modela o homem”.

Viu-se como a preocupação, a mística do dever, a obrigação de conduzir a mala postal, o serviço de comunicação para a América do Sul empurraram MERMOZ para a travessia atlântica num aparelho reparado talvez precariamente.

Ouçá-se, agora, o próprio depoimento de Saint-Exupéry, em “Terre des Hommes”: - Se você tivesse objetado a MERMOZ, quando ele mergulhava no coração, que ele se iludia, que uma carta de comerciante, talvez valesse o risco de sua vida, MERMOZ teria sorrido de você. A verdade estava no homem que nascia nele, quando atravessava os Andes...”

“Tratava-se (como salienta ANDRÉ GIDE, no seu prefácio ao mesmo “Vol de Nuit” para os companheiros da navegação aérea, de lutar pela velocidade com os outros meios de transporte”. É o que explica, no livro, o personagem Rivière, admirável figura de chefe: -“Constitui, para nós, uma questão de vida ou morte, uma vez que perdemos, em cada noite, o avanço ganho durante o dia sobre os trens e os navios”.

A “Linha” tornou-se, porém, um pouco mais do que isso. Era um nome mágico, uma designação sagrada, uma senha que tornava

cúmplice, na mesma audiência de tudo ousar e de tudo desafiar, inclusive o sacrifício último, os aviadores empenhados naquela tarefa ingente de cavaleiros andantes dos espaços...

Mas há, ainda, no mesmo “Terre des Hommes” de Saint-Exupéry, outra passagem reveladora do espírito, ou, talvez da obsessão, que animava a condição humana de MERMOZ: - “Lembro-me (escreve Saint-Exupéry) de uma noite de Paris em que MERMOZ e eu, havendo festejado com alguns amigos, não sei mais qual aniversário, nos reencontramos, pela madrugada, na soleira de um bar, roucos de termos tanto falado, de termos tanto bebido, de estarmos inutilmente cansados. Mas como o céu já clareava MERMOZ bruscamente apertou-me o braço - e tão forte que senti suas unhas - “tu vês (disse ele) esta é a hora em que, em DACAR... era a hora lá, em que os mecânicos esfregavam os olhos e retiravam as coberturas das hélices, em que o piloto vai consultar o serviço de meteorologia, em que a terra é apenas povoada de camaradas”...

Já o céu se coloria, já se preparava a festa, mas para outros, já se estendia a toalha para um festim, para o qual nós não seríamos convidados. Outros corriam seus riscos...

#### O Histórico do Correio entre a França e a América do Sul

Pela falta, ainda, de aviões com raio de ação suficiente para a travessia regular África-Brasil, uma frotilha de pequenos barcos denominados “avisos” emprestados pela Marinha Francesa, e dotados de uma velocidade capaz de ligar DACAR-RECIFE ou DACAR-NATAL, em cerca de 96 horas, passou a cruzar o Atlântico Sul, no transporte das malas postais. O avião-correio, após o percurso TOULOUSE-CASABLANCA-DACAR, transferia a carga postal para os referidos “avisos”, que a consuziam àqueles postos brasileiros do Nordeste. Daí por diante, o encargo passaria aos aviões da antiga Latécoère.

Um dos momentos gloriosos desse período histórico, quando já iniciavam os vôos noturnos, no empenho, de impor maior pressa,

ainda, ao funcionamento do correio, foi o vôo de MERMOZ RIO-BUENOS-AIRES, a 16 de abril de 1928, com escala em Santos, Florianópolis, Porto Alegre, Pelotas e Montevidéu. Seria, como foi, Rio de Janeiro a Buenos-Aires, em um dia, quando os navios levavam cinco. Quatro meses depois, como salienta, Jean Gérard Fleury, o mais autorizado historiador da “Linha”, MERMOZ num Laté 26, munido de um reservatório suplementar e acompanhado de PRONVILLE e de seu mecânico COLLENOT, fez a travessia Rio-Corumbá, em só vôo de 2.000 quilômetros, prosseguindo dali para o Paraguai.

#### Solenidade do Cinquentenário do vôo de MERMOZ

Em 1978, na capital pernambucana, houve uma comemoração do evento e estava presente um companheiro de MERMOZ na grande travessia, em maio de 1930, o comandante JEAN DABRY, eis o seu depoimento:

“Foi este, certamente, o grande, o máximo feito aéreo de Jean MERMOZ, seu poder e sua glória. Um vôo a demandar audácia, determinação, espírito de sacrifício, desprendimento da vida, confrontação manifesta com a morte. Indagado como teria sido possível tentar tamanha aventura, ele respondeu, com uma simplicidade, um sorriso tranquilo, um brilho doce nos olhos azuis, e do fundo de sua idade já bíblica: “Nous avions vingt ans, nous étions fous” - Nós tínhamos 20 anos. éramos loucos”... continuou o cronista:

O avião usado na travessia foi um Laté 28, denominado “COMTE DE LA VAULT”. Vou tentar resumir o fabuloso acontecimento. Eram 11 hs. Do dia 12 de maio de 1930, quando MERMOZ, com DABRY e GIMIÉ, lançou-se pela primeira vez, sobre o Atlântico Sul. MERMOZ, o piloto, DABRY, o navegador, GIMIÉ, o rádio telegrafista de bordo.

Voaram de São Luís do SENEGAL a NATAL, a uma altitude de 50 a 200 metros acima do nível do mar. A velocidade média e regular de 160 quilômetros por hora. Mais adiante, lá pelas



de ponte sobre o Atlântico.

Ele passaria, certamente mais tempo entre nós do que nos outros centros de pouso do continente. Alguns dos mais antigos da cidade guardam-lhe ainda a visão de bom gigante, de um vigoroso atleta, pleno de energia física e espiritual, os ombros largos, os olhos vivos e claros, andando com os cabelos um pouco ao vento, sobretudo pela Avenida Tavares de Lira, da Ribeira.

Uma rua em Natal, guarda-lhe o nome famoso. O decreto foi assinado pelo então prefeito WILSON MIRANDA na presença do coronel-aviador PAUL VACHET, do jornalista francês GEORGES REYER, do “PARIS-MATCH” e de personalidades locais.

Há uma certa casa à avenida Deodoro, de janelas avarandadas, onde se diz que ele costumava estacionar, quando por aqui demorava alguns dias e noites, como também, provavelmente, um pequeno e sóbrio apartamento de ocasião em Parnamirim. De todos os aviadores internacionais, que por aqui passaram, no período mitológico, mais do que histórico, dos vãos desbravadores, ele permanece a figura mais importante, conhecida e exaltada.

As praias de Natal o atraíam e enfeitiçavam. Uma de suas mais belas fotografias tem como cenário a Praia de Areia Preta e lá está ele num ambiente, numa atmosfera que ele amava, como a sua própria estátua, diante do mar “sempre recomeçado”, do poema de VALERY, “batido pelos ventos do largo, e o céu infinito sobre sua cabeça”...

Há, ainda, nesta capital, uma escola pública que muito se honra de ter seu nome como PATRONO.

Texto - Geraldo de Albuquerque\

Mestre em História-Sócio Efetivo do HGRN





9  
A